

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
MARIA ISABEL MONIZ MACEDO

Registada em 9/10/2009 por
JOANA RIBEIRO E CLÁUDIA SIMÕES

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: *"O meu pai ainda vem de tarde"*
- 05 Percurso profissional: *"Nem sei por que vim"*
- 07 Rua: *"Havia mais movimento"*
"Moradores havia muitos"
Uma rua bonita numa cidade maravilhosa
- 09 Animação: Chamar as pessoas às ruas
- 09 Loja: *"Uma das mais antigas do Porto"*
"Queria restaurá-la, mas conservar a antiguidade"
- 10 Produtos: *"Vale a pena vir à Casa São José"*
- 11 Clientes: *"Entram muitos, mas nem todos compram"*
- 11 Avaliação: *"Pode ajudar"*

MARIA ISABEL MONIZ MACEDO



Maria Isabel Macedo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

Maria Isabel Moniz Macedo nasceu, no Porto, a 19 de Julho 1960.

Da sua infância recorda que a Rua das Flores tinha *“muitas lojas abertas, a Louçaria do Norte, lojas de tecidos de carpetes, de têxteis.”*

Terminou o 12º ano à noite, mas depois, a convite do avô começou a trabalhar com ele na Casa São José, uma casa com 113 anos, *“é uma das mais antigas do Porto.”*

Hoje representa a terceira geração neste estabelecimento e orgulha-se de poder oferecer aos seus clientes *“terços, estatuetas de vários tamanhos, de várias qualidades, redomas de vidro, medalhas, imagens, suportes para bíblias em madeira, relicários, registos, oleografias...”*

Ascendência

"O meu pai ainda vem de tarde"

Os meus pais eram do Porto, da Sé. A minha mãe não trabalhava. O meu pai trabalhava aqui, na Casa São José e ainda vem de tarde. Ele é que é o sócio.

Percurso profissional

"Nem sei por que vim"

Estudei em Gaia até ao 12.º ano. Primeiro andei na Escola Industrial, no Curso de Formação Feminina. Depois vim estudar à noite aqui para a Escola Soares dos Reis e foi aí que tirei o 12.º à noite. Era uma escola para Artes, mas acabei por não tirar nenhum curso específico. Tive só uma introdução à Fotografia. Tinha curiosidade em ter uns certos conhecimentos. Mas depois não segui. Vim para aqui há 25 anos, salvo erro, portanto devia ter 26 anos. Mas trabalhei aqui enquanto estudava. Nem sei por que vim. O meu avô é que me convidou e eu vim por mero acaso.



Pormenor do interior da Casa São José (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Rua

"Havia mais movimento"

Da rua antigamente, lembro-me que havia mais movimento. Muitas lojas abertas. Há lojas que ainda existem, havia a Louçaria do Norte, havia lojas de tecidos de carpetes, de têxteis, que também ainda há, lembro-me muito bem, e era e mais ou menos isso. Nunca houve eléctrico. Nem acho que nunca passaram autocarros aqui. Mas foi sempre como agora, sempre aberta ao trânsito. Que eu me lembre e já há 40 e tal anos, foi sempre assim a rua. Nos carros que passam não vejo grande diferença, vejo é nas pessoas. Nas pessoas é que se nota uma diferença muito grande. Muito menos gente agora, esta loja tinha que ter também mais movimento, porque numa rua sem movimento não há negócio. E vendíamos mais, segundo o meu pai diz, para Angola, para Moçambique...

"Moradores havia muitos"

Havia muito mais movimento e lá está, muito mais pessoas a viverem na rua. Moradores havia muitos. A minha avó, a mãe da minha mãe, vivia aqui. O meu pai trabalhava aqui. Portanto, eu conheço esta rua desde que nasci. Antigamente, as pessoas não compravam uma casa com a facilidade que se compra agora.

Houve aí uma altura que havia o crédito jovem em que a pessoa podia optar por comprar um andar e pronto, deixaram a cidade e foram para Vila Nova de Gaia. Abandonaram a cidade, porque a cidade não dava condições para quem quisesse viver aqui. Só aquelas pessoas antigas que já viviam há muitos anos, que tinham contratos bons, ficaram. Mas assim para pessoas novas não havia aqui oferta nenhuma que fosse aliciante. Eu acho que isso foi tudo muito mal feito, mas agora parece-me que estão a querer tentar inverter. Esperemos que sim, é fundamental, viver gente na cidade. Tem que se começar por aí, penso eu.

Uma rua bonita numa cidade maravilhosa

Não tem nada a ver a rua com o que era antigamente. Qual é o problema desta rua? É que há dias que não passa ninguém. Não se vê ninguém na rua! Agora os estrangeiros estão a ir embora, a rua está a ficar outra vez vazia. É preciso criar incentivos, arranjar qualquer coisa para as pessoas virem viver outra vez para a cidade. Isso é muito importante. Estas obras da Papelaria Reis foram muito boas. Primeiro tem que haver oferta, nem toda a gente pode comprar andares. Aqui foi tudo vendido e até teve muita gente que ficou de fora, queria comprar e não conseguiu. Eu optava mais pelo aluguer. Agora é o Porto Vivo, estão a reconstruir mas acho que deviam alugar a gente nova, ter preços não muito caros.

MARIA ISABEL MACEDO

A Rua das Flores é uma rua bonita. A cidade do Porto é maravilhosa. Mas acho que é uma rua que vale a pena visitar. Gosto muito mais desta rua do que a Rua de Mouzinho da Silveira. Muito mais. Só que está tudo muito estragado na Rua das Flores, é esse o problema, mas aqui na rua toda a gente se queixa.

Não é preciso vir à Rua das Flores. Eu penso que são ali os Armazéns Faria, que é de roupas, atalhados, de tudo ligado a roupas, a melhor casa, porque de resto não vejo grandes negócios. Posso estar enganada, mas não me parece. Pois, se há época de crise, eu acho que toca a todos. Todos sentem um bocadinho.



Fachada da Casa São José (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Animação

Chamar as pessoas às ruas

Tem que haver realmente iniciativas para movimentar a Rua das Flores.

Há uns anos, a Associação dos Comerciantes promoveu uma actividade de animação: um concurso de montras. É melhor do que não fazer nada. Pelo menos, havendo assim essa publicidade, chama as pessoas às ruas. Se não houver, é pior. O que é preciso é haver dinheiro. Isso é que é preciso. Não havendo dinheiro...

Loja

"Uma das mais antigas do Porto"

A nossa casa é a Casa São José, na Rua das Flores, número 170, Porto. Existe desde 1896. É uma Casa de 113 anos. É uma das mais antigas do Porto.

O meu avô, José Agostinho Basto de Macedo, trabalhava aqui e por cima era habitação. Hoje o prédio é todo nosso, mas na altura a loja era aqui e em cima o meu avô morava com o meu pai e os meus tios. Tinha sete filhos. Então, como trabalhava com o fundador da casa e o sócio depois deram-lhe sociedade. Mas esses pormenores eu não sei. Não sei em que ano foi. Quando vim trabalhar para a loja, o meu avô já não estava cá. Era o meu pai, Alberto Luís Basto Macedo, o meu tio José Fernando Basto Macedo e tínhamos mais empregadas. Dos sete filhos só dois continuaram, porque gostavam disto e era a profissão deles. Tinham que trabalhar, porque o meu avô queria que alguém continuasse. Os outros não quiseram, porque não gostaram. Tiveram outras profissões. Portanto, o meu avô trabalhava aqui, depois do meu avô, veio o meu pai e o meu tio e agora estou eu.

"Queria restaurá-la, mas conservar a antiguidade"

Já era assim a loja no tempo do meu avô. Agora tem duas montras, mas antigamente só havia uma montra. Se eu pudesse alterar a loja, alterava em obras. Tinha que fazer obras à loja. E dentro em breve vamos começar com as obras. Isto é através do Porto Vivo, porque a casa não é nossa, é do senhorio. Esta casa e outra aqui ao lado são do mesmo senhorio e já há um projecto para as duas casas. A Papelaria Reis foi através do Porto Vivo.

A Câmara também tem um bocadinho de responsabilidade. Acho que é obrigação de ambas as partes: da Câmara e dos comerciantes. A Câmara tem muita influência sobre os passeios, que os passeios aqui estão todos degradados.

E as ruas muito sujas. Agora, por acaso, como vamos ter as eleições autárquicas, há 15 dias andavam sempre a varrer a rua, mas é raro ver isso.

Depois, se eu quisesse alterar artigos, para haver uma variedade maior para clientes diferentes, aí poderia ir mais para o artesanato, coisas sem ser ligado à religião. Mas era um artesanato especial. Não é aquele que anda aí. Era uma coisa assim diferente.

Produtos

"Vale a pena vir à Casa São José"

A montra é que chama o cliente. É muito importante. Gosto, por acaso, de fazer montras. Arranjo-a com o artigo que tenho, com tudo o que nós vendemos: terços, estatuetas de vários tamanhos, de várias qualidades, redomas de vidro, medalhas, imagens, suportes para bíblias em madeira, relicários, registos, oleografias...

Vendemos muitos presépios, a nossa casa é conhecida por presépios de várias qualidades: de terracota, de alabastro, de plástico, de metal, muitos presépios. No Natal, o que se vende mais são presépios. É pena é o Natal ser só uma vez por ano. Durante o ano, são terços e redomas de vidro. As redomas de vidro servem para pôr ou arranjos de flores ou relógios ou santos. Vendemos muito para antiquários. A nossa casa é conhecida pela que tem mais oferta de redomas.

Agora até o Continente, na altura de Natal, vende presépios. Não tem nada a ver com os nossos, porque os nossos são muito mais bonitos e temos muita variedade. Mas em termos de presépios, acho que sim, que veio prejudicar um bocado. Há muita falta de dinheiro, muita gente desempregada e isto é um artigo que não é de primeira necessidade. As grandes superfícies complicaram um bocadinho a vida. A nossa qualidade é muito diferente e a variedade! Mas vale a pena vir à Casa São José, porque é muito melhor.

Quando faço compras, nunca vou aos centros comerciais. Gosto muito mais do comércio tradicional, porque gosto de andar ao ar livre, entrar numa casa, sair, não estar naquele ambiente pesado que a mim não me faz nada bem. Não gosto dos centros comerciais. Acho que o comércio tradicional é muito mais bonito e é mais saudável. Uma pessoa sai e entra, não está assim naquele espaço fechado.



Produtos da Casa São José (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Clientes

"Entram muitos, mas nem todos compram"

O dia-a-dia aqui nesta loja é um dia normal, igual às outras lojas. Abrimos às 9h, fechamos à 12h30, abrimos às 14h30 e fechamos às 18h30 e ao sábado estamos fechados.

É muito frequentada por estrangeiros. Os estrangeiros apreciam muito esta loja, compram presépios, anjos e terços. Levam assim umas coisinhas baratinhas, mas vão levando alguma coisa. A época melhor é o Natal. O Natal é muito bom e depois é Abril e Maio, que são as comunhões. São as épocas melhores. Agora, Junho, Julho, Agosto e Setembro começa a ser melhor por causa dos estrangeiros. Como esta rua está na zona histórica, eles vêm aqui para a zona histórica e pronto. É melhor. Porque antigamente até o Setembro era muito parado. Agora melhorou um bocadinho. Não temos assim grandes iniciativas para chamar clientes porque, como a nossa casa é muito conhecida, toda a gente conhece e vem cá. Pelos anos que tem não há ninguém que não conheça esta casa. Até no estrangeiro e tudo. Até há pouco tempo, num livro espanhol de pousadas, a nossa casa vinha lá! Pousadas espanholas! Vinha uma fotografia da nossa casa em que fizeram publicidade sem nós sabermos! Acharam tão bonita a fachada, a casa em si. Pronto. A nossa casa é conhecida por isso mesmo: por ser antiga.

Nós tentamos sempre cativar o cliente. Fazer sempre uma atenção, um desconto. O cliente começa a gostar da casa e então vem cá.

Avaliação

"Pode ajudar"

Acho que este projecto pode ajudar. A pessoa, vai à Internet, vai lá, vê logo que nós estamos lá, não é? Acho que sim, que pode ajudar, estar na internet é sempre mais publicidade.

